

CRESCENDO FORA DE CASA: A EDUCAÇÃO EM REGIME DE INTERNATO DOS FILHOS E FILHAS DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO PORTUGUÊS (1915–1985)

Margarida Louro Felgueiras

Universidade do Porto

Resumo

No final do século XIX e no início do século XX, com o desenvolvimento dos movimentos associativo e sindical, foram instituídos colégios internos destinados à educação dos filhos de determinados grupos profissionais, como os militares, os professores e os ferroviários. Estas instituições destinavam-se, preferencialmente a órfãos ou crianças de famílias com dificuldades económicas ou de acesso à formação escolar média ou superior. Contudo estas instituições diferiam nos objetivos, nos meios e nos cuidados providenciados às crianças menos afortunadas relativamente aos colégios destinados às crianças das classes dominantes. O objetivo desta comunicação é analisar a educação de filhas e filhos de um grupo social emergente – os/as professores/as primários/as. Destacaremos os relatos de pessoas das regiões do Douro e do Nordeste que foram para o Porto e Lisboa para uma instituição de internato, criada em 1915 por iniciativa de uma professora primária - Amália Luazes – apoiada pelo movimento associativo dos professores/as, e que permaneceu até 1992. O *corpus documental* do nosso trabalho é constituído pelos arquivos das três instituições estudadas (duas em Lisboa e uma no Porto), legislação, imprensa associativa e imprensa diária, a análise dos próprios edifícios, fotografias, entrevistas individuais e em pequenos grupos. Utilizamos uma metodologia complexa e plural, empregando quer uma abordagem quantitativa, para aspetos de uma história social do professorado primário em Portugal, na longa duração; quer uma abordagem cultural e qualitativa para compreender como funcionava a instituição. No primeiro caso procurámos responder a questões como: quantas famílias de professores procuraram a instituição para educar os seus filhos e filhas; de que zonas do país vinham e como as podemos caracterizar. A passagem para uma abordagem cultural e qualitativa procurou responder a questões sobre a experiência no internato vivida quer por rapazes quer por raparigas: que espaços habitavam e como criavam o ambiente para interiorizar a disciplina imposta, as regras, castigos, rotinas, saídas, contacto das crianças com as famílias ou outras pessoas autorizadas a visitá-las. Procura-se compreender como era o dia a dia na instituição, a orientação pedagógica, e as diferenças no que respeita ao género, as táticas de alunas e alunos para subverter essas regras a que estavam submetidos. O estudo permitiu-nos caracterizar o universo de famílias que recorriam à instituição, fazer a história da instituição na sua ligação com o movimento associativo dos professores e distinguir diferentes momentos na instituição, na sua relação com a sociedade. A ditadura ditou diferentes orientações na vida interna das três casas. De uma orientação orientada segundo o modelo da escola nova, de cooperação, aprendizagem pelo trabalho colaborativo, liberdade religiosa seguiu-se uma disciplina mais rígida, a imposição da prática da religião católica e uma educação exclusivamente académica.